

MODERNIDADE E REFLEXIVIDADE: UMA LEITURA DA OBRA DE ANTHONY GIDDENS¹

H. Paixão
C. A. Sobrinho
C. T. Pereira
D. F. Berto
E. C. Silva
H. E. Castro
K. C. R. L. Branzes
M. R. Almeida
P. D. P. Souza
P. E. R. Castro
P. R. C. Queiróz;
S. Arias²

RESUMO

Este trabalho busca compreender o pensamento de Anthony Giddens. Através da análise de dois de seus mais recentes livros – *As conseqüências da modernidade* (1990) e *A transformação da intimidade* (1992) – pretende-se discutir duas noções centrais na obra de Giddens: a noção de Modernidade e a noção de Reflexividade. Observou-se que, ao dar centralidade ao termo Reflexividade, Giddens constrói uma nova maneira de entender as mudanças trazidas pela vida moderna. Ou seja, Giddens defende que a reflexividade moderna pode trazer formas mais democráticas de convivência privada e pública.

Palavras-chave: Anthony Giddens; teoria social; modernidade; reflexividade.

Este trabalho coletivo busca repensar algumas questões colocadas pela obra de Anthony Giddens, autor que se destaca no debate contemporâneo no campo das Ciências Sociais.

¹ Este artigo é resultado das discussões desenvolvidas nos seminários realizados pelo Grupo PET de Ciências Sócios da FFC, no 1º semestre de 1999.

² (Departamento de Sociologia e Antropologia - Faculdade de Filosofia e Ciências - Câmpus de Marília)

Giddens, além de fazer uma leitura original dos clássicos, elabora uma nova teoria para compreender nosso período histórico. A partir da análise de dois de seus mais recentes textos – *As conseqüências da modernidade* (1990) e *A transformação da intimidade* (1992), percebe-se que o autor traz uma tese provocativa: vivemos uma época em que os estilos e costumes, vindos com a modernidade - organização social que emergiu na Europa a partir do século XVIII -, encontram-se totalmente radicalizados. Assim, as tradições perdem o lugar privilegiado que tiveram em épocas pré-modernas, em favor daquilo que o autor conceitualiza como “reflexividade institucional”. Institucional, por fazer parte da atividade social na atualidade, e reflexiva porque os termos introduzidos por determinado discurso acabam por transformar a realidade na qual o próprio discurso é formado; isto traz ao sujeito a possibilidade de escolher e decidir quanto aos rumos de seu cotidiano, consumo, sexualidade, etc

Como resultado desta discussão, nota-se que, embora Giddens fale que esta reflexividade traz complicações para a auto-identidade do sujeito, na medida em que o “eu” torna-se um projeto, ou seja, uma interrogação contínua do passado, presente e futuro, percebemos que ele é otimista com relação às mudanças ocorridas nas últimas décadas, por acreditar que tal reflexividade pressupõe autonomia de ação. Assim, ao dar centralidade à noção de “reflexividade”, o autor aponta para uma democratização da vida privada e pública.

2 MODERNIDADE

"Meu tema é um mundo que nos apanhou de surpresa".(GIDDENS, 1994, p. 37).

O debate sobre a modernidade sempre esteve presente nas Ciências Sociais. De um modo geral, as diversas análises sobre o tema concordam quanto ao caráter fugidio e transitório desse modo de vida que foi institucionalizado com a consolidação da sociedade capitalista a partir do século XVIII.

Dentro desse debate, a obra de Giddens tem-se destacado por apresentar um olhar atento sobre "a natureza própria da modernidade". Isso porque esse autor ressalta que o pensamento sociológico clássico, por ter como objeto a própria ação social moderna, não

conseguiu pensar o grau de dinamismo que alcançaria a modernidade. Precisamos, pois, ainda segundo Giddens, de uma nova teoria social que dê conta da complexidade da sociedade contemporânea:

Se formos compreender adequadamente a natureza da modernidade, quero argumentar, temos que romper com as perspectivas sociológicas [...] Temos que dar conta do extremo dinamismo e do escopo globalizante das instituições modernas e explicar a natureza de suas descontinuidades em relação às culturas tradicionais. (GIDDENS, 1991, p.25).

No entanto, Giddens concorda com o caráter fugidio e contingente da modernidade, já postulado pelas ciências sociais, definindo o termo modernidade como "estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII [...] e tornaram mais ou menos mundiais em sua influência". (GIDDENS, 1991, p.11).

Contraopondo-se à idéia da emergência de uma ordem social pós-moderna³, Giddens acredita que vivemos a radicalização da modernidade. Isto é, um tempo em que o modo de vida iniciado no século XVII chegou ao seu ápice. Ainda segundo Giddens, vale notar que as conseqüências da modernidade nos colocam diante de um fenômeno de dois gumes. Ou seja, vivemos numa época caracterizada por *incertezas manufaturadas*, de um lado e, *reflexividade*, de outro.

Como demonstrar-se-á mais adiante, Giddens entende as *incertezas manufaturadas* como as várias situações de riscos às quais está submetida a sociedade contemporânea; por exemplo, o risco de uma guerra nuclear ou de um desastre ecológico. Estes riscos são produtos da crescente ação humana sobre a natureza e sobre os modos sociais.

Juntamente com as *incertezas manufaturadas*, Giddens observa que a *reflexividade* também caracteriza a radicalização da modernidade. Em outras palavras, a reflexividade moderna deve ser lida como uma maior autonomia dos sujeitos, reflexividade essa propiciada e, ao mesmo tempo, exigida pela sociedade atual:

³ Não é nosso objetivo neste artigo a conceitualização ou discussão acerca da existência ou não da pós-modernidade. Vale ressaltar apenas o que Giddens diz sobre o termo: "Para mim, a idéia do 'pós-moderno' implica transcendência e não apenas a idéia de que 'a modernidade recobrou o juízo' ou está sendo forçada a encarar suas limitações" (GIDDENS, 1996, p. 22).

Com o advento da modernidade, a reflexividade assume um caráter diferente. Ela é introduzida na própria base de reprodução do sistema [...] A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter. (GIDDENS, 1991, p. 45)

Em suma, ao mesmo tempo em que a "quebra" das tradições pelo debate reflexivo gerado pela radicalização da modernidade promove uma maior autonomia do sujeito, a fé cega no homem e na ciência, herdada do iluminismo (racionalidade), trouxe riscos e incertezas ao colocar em cheque a humanidade. Nesses termos, Giddens enfatiza que a vida moderna é caracterizada por várias discontinuidades. É o que se verá a seguir.

2.1 AS DESCONTINUIDADES MODERNAS

Em sua análise sobre a modernidade, Giddens propõe analisar o caráter descontinuista desse modo de vida. Para esse autor, as discontinuidades inerentes à vida moderna podem ser observadas na questão do *tempo* e do *espaço*, e na aceleração do *ritmo de mudança intrínseco das instituições modernas*.

Giddens observa que nas culturas pré-modernas, as maneiras de calcular o tempo e de coordenar o espaço constituíam a base da vida cotidiana:

O cálculo do tempo que constituía a base da vida cotidiana, certamente para a maioria da população, sempre vinculou tempo e lugar [...] Ninguém poderia dizer a hora do dia sem referência a outros marcadores sócioespaciais: 'quando' era quase, universalmente, ou conectado a 'onde' ou identificado por ocorrências naturais regulares. (GIDDENS, 1991, p. 25).

Foi com a invenção do relógio mecânico no século XVIII, afirma Giddens, que houve a separação do tempo e do espaço. O relógio orientava a jornada de trabalho, uniformizando assim a organização social do tempo. A partir disso, Giddens ressalta que a separação entre tempo e espaço auxiliou na própria construção histórica da modernidade, na medida em que trouxe mecanismos para a organização racionalizada.

O autor ainda enfatiza que da invenção do relógio mecânico para cá, a questão do tempo-espaço tornou-se fundamental para o entendimento da vida social moderna; destaca que é possível notar o dinâmico ritmo de mudança da modernidade em todas as esferas da sociedade, e sobretudo, a partir das novas tecnologias, ou seja, com a “globalização” e as novas formas de comunicação, as transformações sociais penetram em todo o globo virtualmente.

Vale ressaltar que Giddens define globalização como "ação à distância". Assim, este termo torna-se mais que a emergência de um mercado mundial ou de um sistema econômico mundial. O processo de globalização representa, para Giddens, mudanças efetivas na vida social e política. Assim, a sociedade globalizada, cosmopolita, é vista como a “sociedade do diálogo”:

Nossas atividades cotidianas são cada vez mais influenciadas por eventos ocorrendo do outro lado do mundo; e, inversamente, hábitos locais de estilo de vida tornam-se globalmente conseqüentes . Assim, minha decisão de comprar uma determinada peça de vestuário tem implicações não só para a divisão internacional do trabalho mas para os ecossistemas terrestres. (GIDDENS, 1994, p. 39).

Além disso, é interessante pontuar que para Giddens temos como resultado direto da globalização a emergência de uma *ordem social pós-tradicional*. Isto é, um tempo em que a tradição, enquanto exemplo de conduta, perde espaço, e os sujeitos passam a escolher sobre seus destinos, sem a obrigação de seguir os valores e modos tradicionais. Nas palavras de Giddens: “Uma ordem pós -tradicional não é uma ordem na qual a tradição tenha desaparecido – longe disso. É uma ordem em que a tradição muda de status. As tradições devem explicar-se, tornar-se abertas à interrogação ou ao discurso.”(GIDDENS, 1994, p.39).

Posto isto, as discontinuidades modernas também nos colocam diante das duas mais importantes conseqüências desse estilo de vida que teve início no século XVII: os *Riscos Manufaturados* e a *Reflexividade Institucional*. Discutir-se-á com maior precisão esses termos.

3 INCERTEZAS E RISCOS NOS TEMPOS MODERNOS

Para Giddens, o mundo em que vivemos hoje é coberto de riscos e incertezas. Esse autor nos lembra que, desde o Iluminismo, acreditou-se que quanto mais o homem conhecesse e interviesse sobre a natureza e a sociedade, mais controle sobre esses campos ele teria. Dentro desta perspectiva, ele enfatiza que essa tese não se confirmou. Sobretudo no atual momento, perdeu-se o controle da própria ação humana:

O mundo em que vivemos hoje não está sujeito ao firme controle humano - o estofo das ambições da Esquerda e, poder-se-ia dizer, os pesadelos da Direita. Quase pelo contrário, ele é um mundo de deslocamentos e incertezas, um "mundo fugitivo". E, o que é perturbador, aquilo que se supunha criar cada vez maior certeza - o progresso do conhecimento e da intervenção humanos - se encontra na realidade profundamente envolvido com esta imprevisibilidade. (GIDDENS, 1994, p. 37).

Primeiramente, vejamos como Giddens define *Risco Manufaturado*:

O risco manufaturado é resultado da intervenção humana na natureza e nas condições da vida social. As incertezas (e as oportunidades) que ele cria são amplamente novas. Elas não podem ser tratadas como remédios antigos; mas tampouco respondem à receita do Iluminismo: mais conhecimento, mais controle. (GIDDENS, 1994, p. 38).

Nesta perspectiva, pode-se definir as *Incertezas Manufaturadas* como essas incertezas criadas pelos *Riscos*, ou pela própria intervenção do homem no meio em que vive, o que quer dizer que são oportunidades criadas pelo homem. Isto é, podem apontar tanto para soluções quanto para problemas, como ocorre, por exemplo, com nossa atual medicina. É por isso que, quando vai falar das incertezas, Giddens recorre àquela máxima: “à vida sempre foi um negócio arriscado”. (GIDDENS, 1994, p.38)

Giddens ressalta que o progresso das *Incertezas* é resultado do desenvolvimento das próprias instituições modernas, e que esse processo foi acelerado nos últimos 50 anos; quando este desenvolvimento chega ao que considera ser uma *Sociedade Pós-Tradicional*, isto é, quando a tradição deixa de ter seu valor inquestionável para tornar-se uma interrogação, a

incerteza manufaturada invade todas as esferas da vida. Considere-se, por exemplo a possibilidade de guerras nucleares, de colapso do câmbio econômico global, de desastres ecológicos etc. Qualquer ponto desses representa perigo para todos.

Giddens ainda ressalta que, dentro das diversas esferas das instituições modernas, os riscos não surgem apenas como casualidades. Mais que simplesmente imperfeição da ação humana, os riscos são vistos como:

[...] arenas de ação ‘fechadas’, institucionalizadas. Os riscos são na verdade criados por formas normativas sancionadas de atividades – como no caso dos jogos de azar ou esportes. Os mercados de investimentos representam facilmente o exemplo mais proeminente da vida social moderna. Todas as firmas de negócios [...] e todos os investidores, operam num ambiente onde cada um tem de prever os lances do outros no sentido de maximizar os lucros. As incertezas envolvidas nas decisões de investimentos derivam em parte das dificuldades de antecipar eventos extrínsecos, tais como inovações tecnológicas, mas fazem também parte da natureza dos próprios mercados. (GIDDENS, 1994, p. 130).

Esta citação nos mostra, de maneira clara como e porque Giddens preocupa-se com o que chama de *Incertezas e Riscos Manufaturados*. Por fim, faz-se necessário entender o ponto mais importante colocado pelas incertezas na era moderna, isto é, o que Giddens considera *Reflexividade Institucional*.

4 REFLEXIVIDADE SOCIAL MODERNA

Para Giddens, estamos vivenciando processos sociais que produzem a aceleração da progressão do risco manufaturado. Estes processos são a *globalização, a emergência de uma ordem social pós-tradicional e, finalmente, a expansão da reflexividade social*.

Sobre a emergência de uma sociedade global pós-tradicional, já discutimos nos tópicos anteriores. Resta entender melhor o que vem a ser essa *Reflexividade* moderna, colocada no centro da teoria de Giddens. O que é essa reflexividade moderna? Por que em alguns trechos Giddens utiliza o termo *reflexividade institucional* e em outros *reflexividade social*? Por que a reflexividade também gera riscos?

Giddens observa que nas culturas que precederam a era moderna, a tradição era valorizada porque perpetuava a experiência de gerações. A reflexividade existia subordinada às tradições. Com a transição para os tempos modernos, a reflexividade ganha um caráter diferente, “ela é introduzida na própria base da reprodução do sistema, de forma que o pensamento e a ação estão constantemente refratados entre si.”(GIDDENS, 1990, p. 45).

Neste sentido, a reflexividade é institucional justamente por ser uma forma de pensar intrínseco ao período histórico moderno, às instituições modernas. E é social por ser mais que uma forma de pensar, por ser um modo de vida. Assim, para se reproduzir, o sistema dá autonomia aos sujeitos, pede que estes façam escolhas. Mas quando o sistema interpela o sujeito, acaba por possibilitar transformações significativas na vida pessoal e até mesmo na vida pública de cada sujeito: “A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformuladas à luz de informação renovada sobre essas próprias práticas, alterando assim seu caráter.”(GIDDENS, 1991, p.45).

Ainda segundo Giddens, essa reflexividade particular da modernidade mostra o contraste ainda existente entre o tradicional e o moderno. Ou seja, a modernidade reflexiva ainda é um processo em andamento, no qual o sujeito se vê livre das tradições para escolher sobre seu destino, ao mesmo tempo em que convive com as velhas tradições.

Neste sentido, a tradição é vista como um empecilho para o desenvolvimento do sujeito na medida em que impõe alguns valores e tipos de conduta, barrando assim o desenvolvimento da reflexividade. Os “vícios” e “desvios” são vistos como reminiscências de “modos sociais antigos”, não reflexivos, que ainda resistem no presente. Ou seja, são produtos de uma “dinâmica social” na qual a reflexividade não está desenvolvida:

Onde o nível de reflexividade social permanece razoavelmente baixo, a legitimidade política continua a depender, em certa parte substancial, do simbolismo tradicional e de maneiras preexistentes de se fazer as coisas. Todo tipo de clientelismo e corrupção pode não somente sobreviver, mas no interior da liderança política, tornar-se um procedimento aceitável. (GIDDENS, 1994, p. 51)

É no livro *A Transformação da Intimidade* que Giddens desenvolve de uma maneira mais profunda, a idéia dos desvios e vícios como patologias no mundo reflexivo,

através do que chama de *Co-Dependência*. O vício (qualquer tipo de compulsão: por sexo, por álcool, por um determinado tipo de relacionamento doentio, etc) é visto como um obstáculo para o desenvolvimento da reflexividade. Isso porque, o que uma pessoa deseja descreve o que ela é. A escolha reflete a natureza do eu. Portanto, se o desejo é compulsivo, percebe-se que a pessoa tem problemas com sua auto-identidade, ou seja, os sujeitos co-dependentes somente encontram suas identidades através das ações, opiniões ou necessidades dos outros.

Partindo daí, o autor defende que a reflexividade reconhece os limites pessoais e preserva a individualidade. Para entender melhor como essa reflexividade funciona, consideremos a questão pais e filhos. Giddens observa que na sociedade pós-tradicional, as relações de parentesco que até então eram baseadas na autoridade total dos pais ou dos mais velhos, são substituídas pela confiança e diálogo, fundamentadas na reflexividade. Com a expansão da reflexividade, passamos por uma fase que aponta para um novo tipo de relacionamento entre pais e filhos: “declarar independência emocional dos pais é um meio de ao mesmo tempo começar a modificar a narrativa do eu e fazer uma defesa dos próprios direitos.” (GIDDENS, 1993, p.122).

Neste ponto, chega-se à idéia mais polêmica de Giddens: reconhecendo os limites da individualidade, e possibilitando aos sujeitos práticas pautadas no diálogo e no respeito, a reflexividade é colocada como a solução para uma vida melhor. Ou seja, nosso autor acredita que numa sociedade “altamente reflexiva”, pode -se chegar a uma verdadeira democracia da vida privada, o que abrirá caminho para uma democratização da vida pública.

Em *A Transformação da Intimidade*, Giddens faz uma análise sobre a “evolução” da intimidade nas sociedades modernas para desenvolver essa idéia . O autor defende que, num ambiente reflexivo, quando muitos elementos se tornam plásticos (abertos à intervenção humana, mas não sujeitos totalmente ao controle humano), as identidades são preservadas e as pessoas tornam-se mais solidárias e abertas para um relacionamento “puro”, baseado na confiança e no respeito. Consequentemente, se na vida privada essas pessoas aprenderem a conviver e respeitar, levarão essas atitudes para o espaço público.

Como foi colocado acima, Giddens também afirma que a reflexividade traz riscos manufaturados. Essa afirmação diz respeito às incertezas advindas da auto-identidade na medida em que o “Eu” torna -se um projeto a ser pensado e decidido individualmente.

Mas, apesar disso, nota-se que Giddens é otimista com relação ao poder de mudança da reflexividade. No texto *Admirável Mundo Novo*, Giddens elabora seis itens para uma ‘política radical reconstituída’, baseada em seu conceito de reflexividade. Embora não seja nosso objeto aqui discutir sua teoria sobre a *Terceira Via*, nota-se que é na noção de reflexividade que se encontra a essência da polêmica sobre um caminho alternativo para nossa sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como enfatizado acima, nos textos sobre modernidade e reflexividade encontram-se idéias que precedem os itens propostos por Giddens para a reconstrução de uma política radical. Esta nova forma política, pautada no conceito de reflexividade, tem caráter cauteloso e reformista. Giddens defende que vivemos numa sociedade ‘pós-tradicional’. Um tempo em que os valores do Iluminismo são colocados em cheque na medida em que o homem percebe que progresso e conhecimento não trazem controle, mas sim incertezas – sobretudo a conhecida como reflexividade social. Nas palavras de Anderson, a sociedade pós-tradicional de Giddens está intimamente ligada à idéia de reflexividade:

[...] todo o empenho de sua explicação ulterior de uma ordem pós-tradicional é para enfatizar o crescimento de uma reflexividade social em geral – em outras palavras, o crescente número de situações nas quais as pessoas agora fazem escolhas conscientes, entre alternativas, na base de novas formas de conhecimento que lhes são disponíveis, enquanto outrora elas simplesmente aderiam ao precedente ou costume. (ANDERSON, 1997, p.58).

Neste sentido, percebe-se que para Giddens a reflexividade tem trazido boas conseqüências para a humanidade. Estaríamos entrando, segundo Giddens, na ‘sociedade do diálogo’, isto é uma sociedade que revela a exaustão das ideologias políticas socialistas ou capitalistas na medida em que tem por base uma reflexividade descentralizada.

Anderson acredita que o conceito de reflexividade trabalhado por Giddens vai ao encontro de teorias liberais. Assim, apesar de Giddens ressaltar que uma política radical deva ultrapassar tanto o socialismo burocrático quanto o conservadorismo tradicional,

Anderson pergunta: “Não estaria a lógica do argumento de Giddens levando “à conclusão” que esta (ideologia liberal) deve ser a única ideologia que aprende as condições da reflexividade descentralizada – daí o atual triunfo predizível sobre suas rivais?” (ANDERSON, 1997, p.60).

Através de discussões amplas, Giddens demonstra como o crescimento da reflexividade pode ser importante para o reparo das “solidariedades danificadas” nas famílias e comunidades. Em outras palavras, uma sociedade reflexiva seria caracterizada pelo diálogo, gerando primeiramente um espaço privado mais democrático e, por fim, auxiliando a construção da democracia pública.

Esta tese de Giddens provoca reações diversas. Alguns governantes, como o primeiro-ministro britânico Tony Blair, têm dado atenção especial aos escritos de Giddens. Por outro lado, teóricos como Anderson apontam para o perigo de se conceber a vida democrática como diálogo. Isso porque Anderson acredita que o espaço político é caracterizado pela disputa pelo poder e a realidade primária da democracia continua sendo a luta. Assim, compreender a obra de Giddens torna-se importante para o atual debate das ciências sociais e da política.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. Poder, política e o iluminismo. In: MILIBAND, David. *Reinventando a esquerda*. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1994.

_____. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

_____. Admirável mundo novo: o novo contexto da política. In: MILIBAND, David. *Reinventando a esquerda*. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

_____. *Política, sociologia e teoria social*. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.

ARTIGO RECEBIDO EM 2001.